

# RENÚNCIA DE FIDEL

Mural Produzido em:  
04/2008

Coordenação:  
Sarah I. G. T. Ribeiro  
Marcos Vinicius Ribeiro

Acadêmicos:  
Alexandre R. Valcarenghi  
Douglas Luis Wrasse  
Fernando Chlad  
Hugo Felipe Frison  
Karen Kraulich  
Martha de Azevedo Piloto  
Mauro Camargo Jr.  
Rúbia Mara Tordiotto  
Sandra Regina Ventura Popiolek  
Suzane Conceição Pantolfi Tostes

## **Revolução Cubana, o antes e o depois**

O Contexto histórico em que a Revolução Cubana esta pautado é o da guerra fria. De um lado os Estados Unidos e a defesa do capitalismo, de outro a URSS e a defesa do comunismo, mas de um comunismo burocratizado e com a política clara de Stalin, de o “socialismo em um só país”.

É nesse contexto que quatorze anos depois a Revolução Cubana acontece. A ditadura de Gerardo Machado estava causando inquietação nas camadas populares, que estavam se organizando e se aproximando cada vez mais da esquerda. Dessa forma, o governo estadunidense decide intervir na política cubana.

No lugar de Machado é posto Fulgêncio Batista, chefe das Forças Armado, para que este tentasse calar a população e para que a política estadunidense continuasse sendo implementada sem nenhum tipo de empecilho. Mas, o esperado pelo governo ditatorial de Batista e o governo estadunidense não ocorreu.

Por parte da população havia muita indignação com a Ditadura Batista e pelo rumo que a economia cubana estava tomando, o de não investimento e melhorias em Cuba para garantir os lucros das multinacionais.

A resistência do povo Cubano se expressa no surgimento e na consolidação das guerrilhas armadas. A luta armada começou a ser travada em 1953, com um grupo guerrilheiro pequeno e que se situava na “Sierra Maestra”. Mas, esta guerrilha, que se auto denominava “Exercito Rebelde” obteve grande apoio da população e em 1959 conseguiram tomar o poder cubano.

A principio o Exercito Rebelde não se declara um governo socialista, mas promove reformas de base e que são bem visto pela população, e esta passa a defender o governo de Fidel e Guevara. Mas, podemos pensar a Cuba de 2008 como uma Cuba socialista, como declarado a partir da Revolução Cubana?

Muitos não consideram em momento algum que Cuba teve um política socialista, sobre a situação atual podemos afirmar que não há socialismo em Cuba, o que há em uma política voltada pra o capital, Cuba faz parte da economia mundial, o capitalismo não esta sendo restaurado em Cuba e sim já foi restaurado em Cuba.

Desde a década de 70 que há concessões à política capitalista e suas leis de mercado, deixando de pautar a economia a partir de plano econômico central.

O governo cubano privatizou empresas estatais e estas exploram os recursos do país, a maioria visa o petróleo e de outros minérios. Hoje a política que se deseja para Cuba é que ocorra com tranqüilidade a passada de poder de Fidel Castro para o seu sucessor, pois a política cubana esta na mesma sintonia que a política estadunidense. Sendo que até mesmo o governo estadunidense não pauta mais a redemocratização de Cuba e de que se tenha eleições diretas. Os interesses de

Cuba já são os interesses do capital.

Com a Revolução Cubana, mais uma vez, vimos que é possível derrotar a burguesia e com um política socialista e que também é possível melhor as condições de vida dos trabalhadores em geral, como saúde, educação, gastos com alimentação e moradia, mas temos de nos ater ao que há de mais importante é que a revolução socialista não esta isolada e que essa revolução tem que ser permanente e se estender para outros países, não é uma política isolada pois essa visão só leva a restauração do capitalismo. A revolução deve ser continua e deve sempre dar um duro combate a burocratização, e Fidel a quase 50 anos no poder é uma mostra de que essa política não foi posta em pratica.

## Cuba hoje...

Mais do que imagem de carros velhos e uma medicina desenvolvida, o país é bem mais complexo do que se supõe. Os rumos da revolução cubana levaram uma aproximação entre Cuba e a URSS devido às relações econômicas e os ideais socialistas. Aproximação esta, que viabilizou um auxílio financeiro por parte de soviéticos e cubanos, devido principalmente ao bloqueio dos americanos à ilha.

Com a decadência do leste europeu em 1991 juntamente com a dívida externa contraída em 1986, levou o país a uma preocupante crise interna; empobrecimento da população, falta de mercado externo para seus produtos em especial o açúcar. Visando que a produção cubana limita – se quase que exclusivamente à este último a exportação torna –se algo de extrema importância e ao mesmo tempo complicada em função do embargo.

Diante de tal situação o governo toma como medida uma pequena abertura econômica aos países capitalistas, sobretudo aos países europeus, através das *joint venture* : parceria entre o Estado e o capital privado.

Para não desestruturar o ideal de igualdade do regime castrista, essas empresas estrangeiras pagam ao mesmo em dólares e este os converte em pesos, isto para que todos os trabalhadores, tanto os estatais quanto os particulares recebam salários equivalentes. Outra medida foi a liberação de atividades complementares que posteriormente se tornariam mais rentáveis do que os trabalhos públicos. Passa - se então a incentivar estes últimos através de premiações como lâminas da barbear, desodorantes enfim. Surge também na década de 80 o chamado Mercado Livre Camponês, onde os agricultores poderiam vender seus excedentes em feiras livres e não somente ao Estado, que após um tempo devido a especulação e acúmulo de renda fora fechado.

Tais saídas permitiram que Cuba renegociasse sua dívida nos anos 90 e em 1996 fizesse um novo empréstimo, que destinou – se boa parte á investimentos no turismo da ilha.

Embora sofrendo as causas do embargo econômico, a escassez de produtos e a falta de energia, os cubanos mantém um alto nível em fatores como educação e saúde. A figura de Fidel se destaca segundo muitos autores como um ícone do sentimento nacionalista baseado na preservação da memória da revolução. Mesmo com as contradições e especulações a respeito de Raul, o país conquistou uma imagem considerável que dificilmente esquecerá o sentimento revolucionário presente na formação e consolidação do governo pós 1959.

## Cuba e o “Fim da História”

Há aproximadamente duas décadas o mundo sofreu um impasse político e econômico que mudou o rumo da História. Com a falência do chamado “Socialismo Real” e a queda do muro de Berlim, surge a tese conhecida como “Fim da História”, segundo a qual acabara de ocorrer exatamente isso: a vitória do capitalismo como sistema superior capaz de solucionar todos os problemas, o que levaria ao fim da luta de classes, e portanto, o fim da História. Foi amplamente criticada, em especial por pressupor o fim de todas as lutas e problemas, enquanto o mundo continua cheio deles, como o narcotráfico e o terrorismo, por exemplo. Curiosamente, seu autor, o sociólogo Francis Fukuyama, trabalhava em um departamento financiado pela CIA, Central de Inteligência Americana.

No meio desse contexto temos Cuba, uma das poucas “sobreviventes” do desmantelamento da URSS. A Reforma Agrária iniciada em 1959 levou à expropriação sem indenização de 200 mil hectares que a multinacional americana United Fruit Company possuía na ilha, como retaliação o Governo Americano decretou um embargo econômico sobre a ilha, que apenas se agravou nos mandatos dos próximos presidentes americanos (com a exceção de Clinton). Com isso, Cuba tornou-se dependente da ajuda da União Soviética, que passou a comprar uma cota fixa do açúcar boicotado pelos EUA, além de oferecer outros auxílios econômicos muito favoráveis à ilha.

Com o desmanche da URSS, Cuba se viu em uma situação difícil, pois acabara de perder seu único parceiro econômico, e agora se via sozinha para enfrentar o embargo econômico americano. Do dia para a noite perderam o mercado de açúcar, e começaram a faltar combustível, medicamentos, alimentos, entre outros. Muitos, dentre os quais a mídia e governos, especularam a queda de Fidel Castro e do “socialismo” em Cuba, porém ambos se mantiveram firmes, e apesar das dificuldades, conseguiram se adaptar e seguir em frente. Buscaram produzir internamente o que antes vinha de fora e havia sido cortado, e abriram alguns setores para o capital estrangeiro, como o turismo, petróleo e açúcar. E é importante lembrar que tudo era feito de modo a beneficiar primariamente o povo cubano: bom pra quem se associava, melhor ainda para Cuba.

Mais especificamente com relação à mídia, nota-se o empenho com que por tanto tempo trabalharam a imagem de Fidel e do “socialismo” cubano. Foram décadas de degradação e desconstrução da imagem de ambos, algumas vezes até comparando-o com o ditador chileno Augusto Pinochet, acusado do desaparecimento e assassinado de milhares de vítimas. É válido lembrar que, enquanto a ditadura de Pinochet era um governo de extrema direita, lembrado por suas vítimas e seu terror, o governo esquerdista de Castro ficou conhecido por seu índice praticamente nulo de analfabetismo (0,02%), um dos melhores atendimentos médicos no mundo, saneamento básico em praticamente todas as residências (98%), taxa de mortalidade infantil baixíssima (6,2

para cada 1000) e um lugar no IDH entre os países de elevado desenvolvimento humano (50º em 2006). Até mesmo a CIA admite que os índices de criminalidade e tráfico de drogas na ilha são muito baixos.

É claro que governo nenhum é perfeito, e a liberdade sofreu consideravelmente com isso (e parte dessa culpa pertence aos EUA, e as várias tentativas de assassinato contra Fidel, admitidas pela CIA), porém convém refletirmos se não é um preço razoável a ser pago por todos os benefícios recebidos. Antes de condenarmos Fidel, seria bom que olhássemos à nossa volta e fizéssemos uma boa análise de nossa suposta “liberdade”: nosso “direito de escolher” quantas fechaduras e outros aparatos de segurança teremos nas portas de nossas casas e a que horas voltar para nossos lares antes que se torne perigoso andar pela rua; ou de um trabalhador pai de família decidir entre aluguel e comida, já que seu mísero salário não suporta ambos, ou pagar os dois e escolher em qual banco adquirir uma dívida sempre crescente, que no final das contas vai tirar tudo o que ele tem; a “liberdade” de passar fome enquanto alguns gastam somas exorbitantes de dinheiro para passar alguns dias em hotéis forrados a ouro; a “liberdade” de escolher ficar desempregado ou trabalhar num emprego sub-remunerado, e por aí vai...

Porém, ainda assim não cabe a nós ou a qualquer aparelho de (des)informação da mídia (não importa o quão donos da verdade eles acreditem ser) julgar ou condenar (ou matar antes da hora, como a Veja fez, numa marcante demonstração de jornalismo sério, equiparada apenas à sua matéria sobre a renúncia do mesmo) as ações de Fidel. Ele uma vez disse: “*A História me absolverá*”, mas estava enganado... Cabe ao povo cubano essa decisão, pois foram eles que se beneficiaram ou foram prejudicados com as decisões de Fidel, e, portanto apenas a eles pertence o direito de julgá-lo, para qualquer outra pessoa isso seria, no mínimo, presunção.

## **Relação Fidel e Mídia**

Fidel Alejandro Castro Ruz, de 81 anos é líder cubano, desde que encabeçou a revolução juntamente com Che Guevara contra o governo do ditador Fulgêncio Batista em 1959. Conseguiu, com apoio popular, apesar de quase isolado internacionalmente principalmente depois do embargo econômico imposto pelos EUA em 1962, fazer o regime durar nesse ambiente adverso.

Um governante que promoveu a estatização de empresas, progredindo em áreas como a saúde e a educação para os cubanos, Fidel, é uma figura conhecida mundialmente por seus longos e apimentados discursos, principalmente em oposição declarada, aos EUA, que representa o antagonismo do regime. Fidel, nesses 49 anos sempre esteve na mídia. Muitas vezes visto com bons olhos, mas na maioria das vezes, como um ditador que conduz Cuba com mãos de ferro.

Em 24 de fevereiro de 2008, definitivamente o General anuncia sua saída do cargo que ocupou por 49 anos para toda mídia nacional e internacional. Desde 2006 estava afastado do poder devido a problemas de saúde dando lugar a seu irmão Raul Castro. O fato da renúncia de Fidel ganhou destaque na grande mídia mundial, trazendo tristeza para os que apoiavam o regime cubano, e alegria para os poderosos capitalistas que viam o grande pilar do regime cubano caindo e facilitando a expansão do capitalismo naquele país, visando já uma possibilidade de expansão de mercado, principalmente no setor hoteleiro e na produção de tabaco, destaques da economia cubana.

O fato da renúncia de Fidel alegrou seu maior inimigo político aquém tecia inúmeras críticas, o presidente norte americano Jorge W. Bush que afirmou logo após a renúncia "deve ser o começo da transição democrática em Cuba", passagem esta para a suposta democracia burguesa também apoiada pela união européia, que juntamente com os Estados Unidos comandam praticamente a informação que é transmitida ao mundo, manipulando e distorcendo-a, passando a imagem do regime cubano como assim desejassem e não a realidade da ilha e do modo de vida do povo cubano.

Isso nos faz questionar a democracia burguesa, defendida e disseminada pelos EUA e pela União Européia para Cuba através dos meios de comunicação que os apóiam, parecida com a imposição da mesma idéia em países como Haiti, Iraque e Afeganistão? "Democracia" que vem por meio de invasões imperialista, terror, exploração.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HERNADEZ, Martin. Cuba: O que vira depois de Fidel? In *Marxismo vivo*, nº14 – ano 2006.

CASTRO, Jerônimo. O guevarismo e a Revolução Permanente. In *Marxismo vivo*, nº 14 – ano 2006.